

## Batismo – Conversão

Wilfrid Buchweitz

No momento atual de nossa Igreja os dois conceitos acima merecem atenção especial. Cada um deles por si sempre vale uma reflexão e análise, em qualquer momento de uma Igreja. Na situação atual de nossa Igreja a necessidade se torna maior pelo fato de ser importante uma visão conjunta dos dois nomes, a interrelação entre ambos, o lugar de cada um em relação ao outro na concepção luterana. Há dificuldades neste ponto. Há insegurança. Às vezes há confusão. Tem havido conflitos em torno dos dois termos e seu significado, para pessoas, comunidades e a própria Igreja.

Para situar o batismo cito inicialmente algumas frases do Catecismo Maior de Lutero (Livraria Fitipaldi Editora – São Paulo – 1965):

“Ser batizado em nome de Deus significa ser batizado por Deus mesmo e não pelo homem” (p. 137).

“O batismo não é obra nossa, e sim de Deus” (p.143).

“Se o batismo não é recebido devidamente, isto não diminui o valor do mesmo, pois o batismo está ligado à Palavra de Deus e não à nossa fé” (p. 148)

“... o batismo significa a morte do homem velho, e em seguida, a ressurreição do homem novo. E ambas as coisas devem se repetir durante toda nossa vida. Isto é, a vida do cristão é um batismo diário, ...” (p. 151).

“Se caímos do batismo, pecando, sempre temos uma possibilidade de voltar a ele, sendo-nos possível dominar e subjugar o homem velho” (p. 153).

“Digo tudo isso afim de evitar que se volte a pensar (como algum tempo sucedeu) que o batismo perde sua eficácia se o homem volta a pecar” (p. 154).

“Não se pode negar que às vezes resvalamos e até caímos fora do barco; mas, em segundo lugar, para quem isto suceder, que procure nadar de volta ao barco e se agarre a ele, até ser içado para bordo, onde poderá voltar a viver como antes de ter caído” (p. 154).

“Assim, consideramos o nosso batismo um manto com que dia após dia, até a morte, nos cobrimos” (p. 155).

“Porque se pretendemos ser cristãos, devemos pôr em prática a obra em que está baseada nossa cristandade. E se alguém cair fora dela, isto é, se cair fora da obra do batismo, procure regressar e se colocar outra vez na mesma” (p. 155).

“Eis porque todo cristão tem, enquanto viver, muito o que aprender e exercitar com o batismo” (p. 145).

“Quem crer e for batizado será salvo”. Por sua vez isto significa que só a fé coloca a pessoa em condições de receber dignamente os benefícios da água saudável e divina. E ao ter sido pronunciado e prometido com aquelas palavras que estão unidas à água, não poderá tampouco receber benefício algum de outro modo a não ser que creiamos de coração. Sem a fé o batismo não nos beneficiará absolutamente nada, embora em si não deixa de ser um tesouro inapreciável” (p. 143).

Até aqui as citações.

Batismo é obra livre e soberana de Deus. Baseia-se na Palavra e no mandamento de Deus. Significa a morte do velho homem e a ressurreição do novo homem.

Batismo continua a ser um tesouro mesmo ali onde não houver fé. Mas é um tesouro inaproveitado para quem não tem fé. Batismo sem fé é sem valor algum para o batizado.

Batismo quer acompanhar-nos a vida toda, dura a vida inteira, é aprendizagem a vida afora. Quem cair fora do batismo pode voltar a ele sempre de novo.

Para Lutero o batismo era o momento e o lugar onde Deus se encontrara com ele, o momento em que Deus por amor e livre vontade entrara em sua vida, sem iniciativa e mérito dele, Lutero.

Em cima dessa base Lutero constrói a sua vida de cristão, e a ela sempre volta de novo. Sabemos que por vezes Lutero escrevia em cima de sua mesa “baptizatus sum”. Sou batizado, Deus me tornou sua propriedade e eu vivo, quero viver essa vida com Deus, pertença a Jesus Cristo. Lutero escrevia essas palavras especialmente quando a tentação ameaçava afastá-lo de Deus, quando sentia que Satanás queria tomar conta dele. Deus veio a mim e agora estou com Ele e quero ficar com Ele. Nada me separará do amor de Deus.

A conversão também é obra de Deus. O homem é convertido através da Palavra de Deus. Deus convence o homem através da Palavra de Seu amor, através do Espírito Santo que atua na Palavra.

A conversão faz parte da teologia luterana desde o início, como os outros valores teológicos. Mas ela recebeu atenção especial em alguns momentos da história luterana. Em algumas situações de indiferentismo na Igreja, quando o amor e a graça de Deus não eram devidamente considerados, em algumas destas situações indivíduos, grupos, comunidades começaram a pregar a Palavra de Deus com vistas a arrependimento e conversão. Pregavam o chamamento de Deus à volta. Insistiam que Deus estava oferecendo ao homem a participação em Seu Reino. Conclamavam os homens a aceitar esta participação no Reino.

A partir daí conversão é, também, obra do homem. É resposta positiva do homem à Palavra de Deus. É resposta que, a cada novo dia, desemboca em vida sob a Palavra de Deus. Conversão sem um morrer e ressuscitar diários, sem conversão diária não tem valor algum para o convertido.

Por isso o dia da conversão, quando é possível determinar um dia da conversão, esse dia não pode ser supervalorizado. O importante mesmo é o dia a dia depois. Não quer dizer que um dia da conversão não pudesse ser lembrado. Nós lembramos e podemos lembrar dias em que aconteceram coisas importantes na nossa vida. E, se num certo momento, minha vida tomou outro rumo, então isso é um acontecimento muito importante, ainda mais quando os dias, semanas, anos subseqüentes mostram que foi uma mudança verdadeira.

A conversão não está entre aquelas verdades teológicas que as igrejas ao longo da história designaram como sacramentos. A conversão não reúne as características do sacramento, Palavra, sinal visível, promessa. Isso não diz nada contra o valor teológico da conversão, mas auxilia quando a conversão tende a deslocar o batismo para um segundo plano ou até a assumir o lugar do batismo.

Convém mencionar alguns poucos traços do mundo e da sociedade em que a Igreja de hoje desempenha a sua missão: Mentalidade de consumo, espírito de competição, propaganda agressiva e sofisticada, analfabetismo, semianalfabetismo, escolarização e formação a partir de e em direção a uma mentalidade predatória e exploratória, injustiça social, vidas vazias, comunicação instantânea por todo o globo terrestre.

Este mundo está fora e dentro da igreja de hoje, e pela força que tem, determina em muitas oportunidades a face, as formas, o conteúdo e o comportamento de Igreja.

Alguns traços da Igreja em que vivemos: o púlpito continua em algumas comunidades o único lugar de pregação da Palavra de Deus e em outras comunidades quase o único lugar de ensino da

Palavra de Deus, fora de um ensino confirmatório muito precário. A Igreja não é mais o fator marcante na sociedade, fora do ambiente familiar.

Em termos numéricos algumas de nossas comunidades têm crescido muito. Há paróquias com mais de 1.500 famílias para apenas um pastor. Devido à complexidade sociológica este número deveria ser diminuído em muito. Qualquer paróquia em ambiente urbano com mais de 300 famílias para um pastor, sem trabalho de visitação, divisão em grupos e onde não houver uma efetiva participação de membros leigos nos trabalhos, qualquer paróquia nestas condições se dilui, dispersa-se, perde substância. Não há condições para um trabalho ofensivo.

Em outros casos há paróquias com comunidades espalhadas por enormes áreas geográficas, diversos municípios, com estradas precárias. Mesmo se o número de famílias for relativamente pequeno, esta situação conspira contra um trabalho com chances de progredir além do ponto onde se encontra.

O pluralismo religioso confunde e dispersa. Movimentos religiosos de muitos matizes, seitas e mesmo igrejas proselitistas disputam a preferência do homem de nossos dias.

Existe uma ampla ignorância religiosa em todas as camadas sociais e culturais de nossa sociedade, inclusive no povo das igrejas.

A ignorância e a indiferença religiosas levam muitos membros da Igreja a se restringir a um ritualismo religioso e a uma prática social dos sacramentos.

A secularização tem tido o efeito, muitas vezes, da perda de valores evangélicos e levado muitos a voltarem as costas a Deus e a negar a Deus quaisquer ingerências na vida do homem.

A falta de pastores faz com que um número considerável de comunidades esteja vago. Esta situação, às vezes, tem desafiado presbitérios e membros de comunidades a assumir maior emancipação e responsabilidade. Mas, outras vezes, tem sido a causa de enfraquecimento e perda de vida nas comunidades.

Uma grande sensação de dependência da Igreja de co-irmãs de outros países, em matéria de finanças, pastores e teologia, às vezes, faz com que as próprias capacidades não sejam suficientemente exploradas.

Os pastores ainda não têm experiência, motivação, literatura e, às vezes, iniciativa suficientes para se inserir na nova sociedade e, assim, em vez de instrumentos da encarnação do evangelho de Jesus Cristo podem se tornar entraves e impecilhos.

Na Igreja que redescobriu o sacerdócio de todos os crentes, a responsabilidade e o serviço acabaram novamente na mão dos sacerdotes especiais, os pastores.

O pluralismo teológico, em vez de ser fator de complementação e enriquecimento da teologia e dos serviços da Igreja, às vezes é fator de luta interna e leva a um curto circuito e conseqüente anulação das energias geradas pela Palavra de Deus.

Durante os últimos anos, estima-se que aproximadamente 10% dos membros das comunidades freqüentam, em média, os cultos. O outro lado da moeda é que 90% estão ausentes do acontecimento de maior peso nas comunidades.

Estes dias alguém constatou que de um grupo de 8 confirmandos só uma das casas costuma fazer oração à mesa.

Muitos pais não oram com seus filhos, não lêem a Bíblia com eles, e não os acompanham aos cultos.

A escolha dos padrinhos é constante motivo de preocupação e até de irritação nas comunidades. Só excepcionalmente a escolha é norteada por critérios evangélicos. Na maioria dos casos a amizade pessoal é o motivo para a escolha dos padrinhos. Algumas vezes a situação econômica do padrinho é o fator decisivo.

Outra faceta presente na realização de batismo é que ela é tradição e costume na comunidade e sociedade e acontece uma pressão muito grande em cima de famílias onde nasce uma criança. O conteúdo do batismo é secundário.

Há casos onde o batismo é entendido como ato que sem compromisso garante a ajuda de Deus. Outras vezes, como boa obra que Deus vai recompensar. Outras vezes, há uma compreensão mágica de batismo que ajudaria em casos de doença e ameaças de poderes malignos.

As crianças crescem num ambiente familiar, onde a realidade de Deus e de uma comunidade cristã são fatores distantes.

Diante deste pano de fundo de Igreja e mundo se realizam os batismos. Nesta realidade se coloca o tesouro batismo ou se permite que Deus o coloque. Faz-se isso com preocupação crescente, mas também ingenuamente, sem conhecimento da situação e também irresponsavelmente. Não preparamos a terra onde colocamos o batismo, não construímos o estojo para colocar o tesouro. Muitas vezes não temos muita escolha. A tradição e a falta de condições para conscientizar os pais e as comunidades obrigam a que se continue a colocar o tesouro batismo em lugares onde será enterrado, nunca será descoberto, será desvirtuado. Estamos numa situação onde temos condições de aproveitar apenas uma pequena parcela do valioso tesouro que Deus cria no batismo.

Como mudar isso? Como superar esta situação? Como recuperar o sentido do batismo? Como descobrir maneiras de colocar o batismo autenticamente na situação de hoje?

Existem iniciativas em proporção considerável nas comunidades. Muitas delas, talvez já seja a maioria, realizam diálogos pré-batismais. Mesmo que não seja muito, é uma iniciativa importante. Outras realizam cultos de batismo. Há cada vez mais reuniões e retiros de casais e de pais onde o item da responsabilidade pelos filhos é ponto obrigatório da agenda. Há uma preocupação crescente com o envolvimento dos pais no ensino confirmatório. Grupos da OASE estão começando a adotar, como uma de suas tarefas, os contatos com os pais dos confirmandos. Há tentativas de casais da comunidade assumirem o ensino confirmatório com preocupação especial de fomentar a participação dos pais no preparo dos filhos para a confirmação. Desta forma a preocupação pré e pós-batistal está ganhando mais e mais atenção e a coleta de experiências está em fase progressiva.

Paralelamente parece estar sendo superada uma estratégia que comunidades adotavam mais no passado, a estratégia de se dedicar à formação de crianças e jovens com o argumento de serem a comunidade de amanhã. Nesta estratégia se via também, às vezes, uma oportunidade de atingir os pais através dos filhos, de usar as crianças como instrumento para atingir os pais. Cabe aos pais orientar os filhos, tornar-lhes o batismo significativo, ajudá-los a vivenciarem o batismo. Mas não cabe por natureza às crianças a tarefa de evangelizar os pais, de avivar na vida dos adultos o acontecimento do batismo. Que às vezes isso acontece, pode ser motivo de alegria. Mas, uma comunidade fazer as crianças viver seu batismo, sem se preocupar que os adultos vivam o seu, é levar as crianças a suportarem dois mundos, o da escola dominical, da Igreja, e as crianças aceitam sem grande resistência este mundo, e o mundo da casa paterna e da sociedade fora da Igreja, um mundo estranho, às vezes adverso e hostil à igreja. Não é tão pequeno o número de confirmandos para os quais o "sim" na confirmação é sincero. Mas já a festa de confirmação na roda de pais, padrinhos, parentes e amigos é inspirada por um espírito totalmente diferente, a cuja pressão muitos jovens não resistem. Se uma comunidade usasse de propósito as crianças para evangelizar adultos isso certamente seria um sobrecarga, quando não uma violência. Nada contra a educação evangélica de crianças. O que se torna necessário, urgente, são oportunidades de educação evangélica de adultos, oportunidades de facilitar aos adultos estabelecerem vínculos com seu batismo. Urgem esforços para abalar e superar a compreensão estática de batismo que vigora, em larga escala, em nossas

comunidades como uma espécie de seguro de vida eterna, que foi feito no batismo. Batismo e fé são separados. Renovação do batismo, através de um morrer e ressuscitar diários, não acontece em escala considerável.

Ao lado de outros expedientes para superar esta situação levanta-se a questão, se é possível continuar a batizar crianças tão indiscriminadamente como está acontecendo. Não estaria na hora de começar a admitir a possibilidade de negar batismos de crianças? Não se questiona o batismo de crianças em si. Mas se numa comunidade houvesse uma situação, onde tudo indica que a família que pede o batismo não vai educar a criança na fé cristã, nem os padrinhos, nem a comunidade se vê em condições de o fazer, será que para dar ao batismo o valor que lhe cabe, também ao batismo de crianças, não se deve começar a ensaiar um não a este tipo de batismos? Não há dúvida de que é muito difícil questionar a estrutura e mentalidade existentes e, dificilmente, um pastor sozinho poderia se aventurar nesta empresa. Somente com um presbitério e uma parcela da comunidade conscientizados poderia se tomar uma tal iniciativa. Melhor seria se um grupo de pastores e diretorias de paróquias assumisse esta responsabilidade.

Às vezes acontece um batismo de adulto mas o constrangimento leva o batizado a solicitar o batismo fora do horário de culto. Seria importante motivá-lo a permitir o batismo em meio à comunidade reunida em culto. Seria importante também motivar a própria comunidade a se alegrar com este acontecimento e a fazer dele uma festa.

Nos últimos anos surgiu em nossa Igreja um movimento que escreve em sua bandeira, como a sua missão mais importante, a pregação do evangelho de Jesus Cristo com o propósito de provocar o arrependimento, a volta a Jesus Cristo, a conversão. Há um número crescente de membros de nossas comunidades que se posiciona diante da pregação evangelística com disposição de responder positivamente ao chamado. Dizem "sim" ao evangelho. Permitem que sua vida tome um novo rumo. Passam por uma experiência de conversão. Há um grande número de testemunhos de pessoas que dizem que não tinham fé, que participavam da Igreja por tradição, por pressão da sociedade, por conveniência. Alguns dizem que participam ativamente dos programas da comunidade, mas que não o faziam como vivência consciente do evangelho de Jesus Cristo. Com a conversão, algumas vezes gradativa, outras vezes momentânea, iniciou uma nova fase na vida. A conversão se tornou para eles um acontecimento de muito peso e importância. Não são poucos os que dizem que a conversão é o acontecimento mais importante de sua vida. E há, na verdade, vidas que tomam outro rumo, vidas reformuladas e renovadas.

A conversão para algumas pessoas se torna tão marcante que o batismo desaparece. O batismo nunca teve grande significação para eles, Nunca mudou sua vida. Vivencialmente nunca experimentaram o conteúdo do batismo. Há pessoas que se tornam impacientes, não conseguem esconder sua irritação, quando se aponta para o batismo como acontecimento vital para o cristão. Batismo e conversão, a relação entre ambos, a prática de ambos, tem sido área de conflito em nossa Igreja.

Pode-se dizer que é um conflito normal. Se para alguns membros da Igreja o batismo é o acontecimento, não só doutrinariamente, mas também vivencialmente, e a conversão é secundária, nunca houve uma experiência de conversão, e, se para outros a conversão mudou o rumo da vida e o batismo ao menos em termos vivenciais nunca teve influência, então há aí um estopim em potencial para conflitos.

Mas além disso existe outro motivo para conflitos. O movimento de chamamento à conversão dos últimos 15 anos em nossa Igreja iniciou com evangelizações ao estilo de Billy Graham e com influência da teologia de Billy Graham. O evangelista Graham é membro de uma Igreja que tem a prática do batismo de adultos. Usou-se também muita literatura de igrejas que dão ênfase a este estilo de evangelização e que são, normalmente, igrejas que praticam o batismo de adultos. Isto significa que estas evangelizações em nossa Igreja foram alimentadas com teologia de fora. O homem é confrontado com a Palavra de Deus, chamado ao arrependimento e conversão e, então, batizado. Se para um cristão, membro de Igreja com batismo para adultos, a conversão foi um acontecimento transformador de sua vida e, então, segue o batismo que confirma a experiência da conversão, então há uma ordem nisso tudo. Há uma seqüência.

Se agora um cristão luterano assiste a uma evangelização dessas, ele se converte, é vencido e libertado pela Palavra de Deus e aquilo se torna uma experiência importante na vida. O batismo nunca o venceu. Nunca alguém conseguiu comunicar-lhe que o batismo é existencialmente importante para ele. Também na evangelização não se traçou a ligação entre conversão e batismo, inclusive o evangelista não aceita o batismo de crianças e, por conseguinte, não tem condições de traçar a ligação. Para este cristão luterano o batismo está deslocado, fora de foco e sentido, ainda mais que ele ocorreu 20 ou 40 anos atrás. E na comunidade surgem conflitos. Os membros que procuram viver seu batismo perguntam: Será que eu também tenho que me converter ainda, será que a conversão é um algo mais, ou dá algo mais que o batismo? Os convertidos não sabem o que fazer com seu batismo e por isso têm dificuldades de

ver sentido no batismo dos outros. Não admira que tenham acontecido casos de rebatismo.

Teologicamente a conversão tem um lugar diverso para o cristão luterano do que para o cristão membro de uma Igreja que pratica o batismo de adultos. Para o cristão luterano, batizado como criança, a conversão deve ter relação com o tesouro que Deus colocou em sua vida na hora do batismo, pode ser a descoberta deste tesouro. A conversão é a validação da aliança batismal. É a volta ao batismo. É a resolução de viver o batismo. Por isso numa evangelização na Igreja luterana, quando se chamam adultos ao arrependimento e conversão, não se pode deixar de estabelecer a conexão de conversão e batismo. É especialmente importante levar isso em consideração quando uma evangelização em nossas comunidades é realizada por cristãos de igrejas que praticam o batismo de adultos. A conversão para o cristão luterano contém, em última análise, o sentido da confirmação.

Para o cristão membro de igrejas que praticam o batismo de adultos a conversão, a decisão pessoal é o primeiro passo e o batismo é o segundo.

Entendo que o batizar exclusivamente pessoas adultas diminui o milagre e o mistério do batismo. Além disso sabe-se que igrejas que batizam adultos não estão menos expostas aos abusos e tradições vazias do que igrejas que batizam crianças. Cristãos batistas dizem que em sua Igreja a conversão, às vezes, se torna tradição sem conteúdo.

Não é o batismo que perde o valor por causa do mau uso que se faz dele. O batismo tem seu fundamento no mandamento do próprio Cristo. O próprio Cristo se submeteu ao batismo. Também o batismo de crianças não perde o seu valor. Nada ilustra melhor a graça incondicional de Deus do que o batismo de crianças de peito.

O que precisa nos preocupar é em que tipo de mundo e Igreja nos encontramos de momento. Para dentro de que contexto colocamos o batismo. Que aspectos do batismo são importantes em nosso momento. Se Lutero tinha razão para insistir na graciosidade do dom de Deus no batismo, creio que na situação atual nos cabe dar atenção ao mesmo tempo a dois outros aspectos. Não que a ênfase de Lutero perdesse seu sentido. Quem continua atuando no batismo é Deus. Deus batiza a criança que se leva a Ele. O que nos cabe hoje é colocar o foco em cima da fé. Batismo sem fé não faz sentido. Se o batizado não tiver fé, nem seus pais, nem seus padrinhos, e se o batizado não puder ser acolhido em uma comunidade evangélica consciente, então o batismo não faz sentido. O aspecto daí decorrente e que creio deva merecer atenção

crescente é uma fé que produz frutos, especialmente frutos de amor. Será que por causa da situação em que nos encontramos não é chegada a hora de a Igreja luterana deixar de destacar a fé na salvação por graça, para destacar a fé que traz frutos de amor? A graça em muitos casos se tornou graça barata e, por isso, o batismo se tornou um batismo barato. Jesus Cristo diz que os frutos podem ser critério para saber se uma árvore é boa ou má. Significa que os frutos podem ser critério para se saber se aquilo que o homem chama de fé é fé ou não, isso sem passar por cima da palavra do Novo Testamento que diz que Jesus "não quebra a cana rachada, nem apaga o pavio que fumeja".

Igrejas luteranas em diversas partes do mundo se preocupam com este assunto. Em fins de 1978 igrejas luteranas dos Estados Unidos da América, da Alemanha e do Norte da Europa se reuniram em Loccum, na Alemanha sob o tema Missão e Evangelização. Um dos assuntos importantes nos trabalhos da reunião foi missão e evangelização nas igrejas tradicionais. Fala-se em re-evangelização dos países tradicionalmente cristãos. Neste sentido pode-se falar também da necessidade de re-evangelização na IECLEB.

No que tange ao batismo, isso significa que temos que nos preocupar com o sentido do batismo. Temos que nos preocupar também com a continuação do batismo na vida dos batizados, com o morrer e ressuscitar diários dos membros de nossa comunidade. Temos que nos preocupar para que a comunidade assuma o batismo. Que o batismo ~~esteja~~ envolvido dentro de um programa de educação cristã. Que o batismo seja relacionado com a vida do cristão e da comunidade no ambiente em que ela vive. Que conseqüências concretas tem o morrer e ressuscitar em cada dia do cristão?

Mencionei anteriormente que alguns setores em nossa Igreja estão atacando o vazio existente através de diversos tipos de programas de evangelização. Ali tentei mostrar que conceitos e práticas simplesmente trazidos de outras igrejas podem nos confundir. Isso vale também para os contatos com a Igreja Católica, A reflexão e práticas com a evangelização da Igreja Católica estão penetrando e sendo trazidos para dentro da nossa Igreja. Temos que ter consciência disso. Não para fechar as portas para influências de fora, pelo contrário: por que não aproveitaríamos a riqueza de outras igrejas? Mas para isso temos que nos preocupar com a nossa própria teologia e saber o que cremos como cristãos luteranos. Só então podemos receber impulsos de fora, aceitá-los ou não, sem que isso provoque mistura e confusão. Agora, não vamos poder nos proteger de fora, se não nos preocuparmos em dar conteúdo e vida a nossa própria Igreja. Não adianta proibir influên-

cias de fora sem procurar outros caminhos de atender as necessidades dos membros da Igreja.

Quero me referir mais uma vez à conversão. Deve ser dito que assim como o mau uso do batismo não diminui o seu valor, assim o mau uso da conversão não lhe tira o valor. Há grande necessidade de conversão e conversões também em nossa Igreja. Há em nossas comunidades muitas pessoas que foram batizadas, mas que não vivem o seu batismo. Há comunidades que caminham na direção que afasta de Deus. Há pessoas que, como Lutero diz, caíram fora do barco. Pessoas que desconhecem ou rejeitam o tesouro que Deus lhes doou no dia do batismo; pessoas que por isso não podem desfrutar das bênçãos de uma vida de fé, das chances de renovação da vida de fé. Valores outros que o evangelho de Jesus Cristo determinam o curso e o conteúdo destas vidas. Não há fé, ao que tudo indica. O tesouro do batismo está escondido, inaproveitado, quando não desprezado.

De repente alguém nesta situação é atingido pelo evangelho e é convencido pelo evangelho, numa campanha de evangelização, numa visita, num púlpito, num programa de assistência social da comunidade, numa experiência de justiça social em favor da qual a Igreja assumiu a luta. O rumo da vida desta pessoa, o rumo de uma comunidade muda. A aliança batismal começa a ser concreta. Aconteceu conversão, iniciou uma vida de conversão.

Como ver no batismo o tesouro que ele é? Como valorizar o batismo? Como limpar o batismo de tudo que o desvirtua? Como administrar o batismo retamente na situação vigente?

Como ganhar maior liberdade para a conversão? Como valorizar a conversão? Como limpar a conversão das distorções? Como promover a conversão? Que significa conversão concretamente em nossa situação?

O que fazer para que batismo e conversão caibam num mesmo quadro?

Estas são algumas das perguntas que, espero, continuem a nos inquietar e desafiar em ritmo crescente.